

OS «SIMPLES»

VITOR HUGO E JUNQUEIRO

Venho tarde. Quando todas as penas corriam no papel confiando-lhe a dor da grande perda ou exaltando o morto que, a par de Hercules agora ali jaz nos Jeronimos — dois colossos que a gloria acamara — dou sob essa abobada veneravel — a minha emudecia, paralisava-se, na consciencia insuficiencia dos seus recursos. Só agora, talvez porque o côro de hossanas se vá a extinguir e o desentoadado do meu escrito, já se não arrisque a perturbá-lo, é que, finalmente, consigo confidenciair ao papel um pensamento e traduzir as impressões que ontem, na hora solenne do funeral, longe de Lisboa, em pleno campo, em frente à pujante fructificação dos pomares e ao exuberante bracejar dos robles e dos cedros, cujas folhas entreteciam de verde a luminosidade do céu, me assaltaram de subito, nesse contacto ocasional com a soberana simplicidade campesina, com as almas simples das boeiras e das pastores, dos cavadores e dos moleiros, dos pobres e dos humildes, da gente chã e rude cantada pelo poeta naquella sua obra a que ele então chamára o seu melhor livro. Pelo ambiente amortecida ainda a ultima vibração dos sinos que ontem, em todo o Portugal, dobraram por Junqueiro, dando-lhe esse somor adeus cuja plangencia devia de ter dominado em recolhidos instantes, as varzeas e os montes, as charnecas e as florestas, os ertos e as cidadades. O poeta ia a enterrar. A infancia, a adolescencia e a mocidade acompanhavam-no, e as palmas dos estudantes, dos eudantes que nunca se honraram tanto como agora, cobriam-lhe o caixão. Dir-se-ia que na esplendida serenidade da tarde se erguera uma néblina transparente de lagrimas, e que aquelle carvalho três vezes centenário, de tronco carcomido e altos braços engelhados, colosso que domina a mata cerrada de cedros, se contorcia de dor pelo poeta, outro colosso como elle, abatido agora pela morte e que, como o velho castanheiro dos *Simples*, se desfaz em luz, aquecendo-nos com as fulgurações do seu genio. E era toda a natureza que parecia, nesse momento, estar formulando e com ella todos os *simples*, as boeiras e os pastores, os cavadores e os moleiros, os pobres e os humildes, sabendo-o caído por terra e vendo ainda melhor como era grande, aquella ansiosa interrogação do proprio poeta:

Castanheiro morto, que é da vida extranha
Que do ex-ovoário de uma flor nasceu
E criou raízes, e se fez tamanha
Que em trezentos annos sobre uma montanha,
seus trezentos braços de colosso ergueu

Morrera já de todo a claridade crepuscular. O *espírito de Deus*, a treva indefinida, apagára-se. A essa hora já Junqueiro estava só com Hercules, escutando-se na Imortalidade; e nesse recanto beirão onde o acaso me atirára de subito no dia doloroso do seu funeral, noite fechada, a uma chama vacillante, eu tinha na minha mão trémula — prodigioso acaso, também — o original autografo de *Os Simples*, e lia comovidamente, deslumbradamente, as estrofes do poeta, emendadas, riscadas, entrelinhadas por essas mãos divinas, e escritas a tinta róxa, com a sua letra hesitante e irregular, em largas folhas brancas de papel assetinado. Entre os meus dedos passava uma Fortune, que os numeros e as cifras não sabiam atingir, reliquia inestimavel do Apostolo da Beleza, do Percursor da Fé, do Santo Maior a que o altar da Patria abriu o formidavel sacrário dos Jeronimos. A delicatissima, escrita noutra época e com outra tinta, recomendava que o livro já mais se exhibisse como raridade ou como curiosidade. E lá está, na gaveta de uma commoda antiga, nessa casa feita santuario, que os carvalhos e os cedros rodeiam como sentinelas amováveis, o masso das folhas do livro onde a mão do poeta traçou essa maravilhosa epopeia lirica, e onde o meu espirito passa agora a ir, em oratoria, a prostrar-se, na adoração recolhida das oblatas, em face da chama do genio que, irradiando em versos admiráveis ao tocar o papel, se tornou aureola de santo e resplendor de predestinado.

15 7 923.

MATOS SEQUEIRA:

O CALOR LÁ FÓRA

Em Amsterdam morreram 60 pessoas de insolação

HAAIA, 15. — Tem havido enormes calores na Holanda. Nunca anteriormente se registaram temperaturas tão elevadas. Em Amsterdam morreram 60 pessoas de insolação.

Na Inglaterra e na França o calor continua a ser grande

LONDRES, 15. — Apesar da temperatura ter baixado ontem 12 graus, tudo leva a crer que a vaga de calor ainda não abandonou o territorio inglês. Na noite de sexta-feira, apesar da temperatura ser 95 graus em Paris, milhares de pessoas dançaram toda a noite para entrar bem no dia 14 de Julho, que é dia de festas nacional.

Publicamos, a titulo de curiosidade, o admiravel artigo, hoje completamente esquecido, que *Guerra Junqueiro* pronunciou em 1885, aos 35 annos, então em todo o esplendor do surpreendente talento, no dia do enterro do grande poeta dos *Châtiments*. E' um soberbo e inconfundivel trabalho literario do autor da *Velhice* do Padre Eterno. Merece ser transcripto na integra. Ha nele *relampagos e canticos, coleras e vituperios*. E' a clava de Hercules esmagando um Mundo.

Vitor Hugo, como poeta, encheu o seu seculo até ao ultimo andar. Os outros, quer os que morreram, quer os que ficaram, hão de caber todos juntos, e muito á vontade, nas aguas-furtadas. Musset, é o violino, Lamartine é o órgão, mas Hugo é a orquestra. Lira de cem cordas! E em cada corda uma alma diversa, uma harmonia diferente. O rouxinol é a primeira, o trovão a ultima. O seu genio extraordinario é como que um enorme organografo de ouro e de cristal, onde foram gravar-se para sempre, em notas de musica, todas as vozes da humanidade e todos os murmurios da natureza. A existencia literaria de Vitor Hugo é a viagem á roda do Universo, em 80 annos! Os infinitos sentimentos da alma humana, desde o amor até á blasfemia, desde a prece até á blasfomia, desde o sorriso até á lagrima, encarnou-os ele num milhão de estrofes palpitantes e sublimes, que dos alcantis sagrados do seu genio partiram num vôo ardente e glorioso — revoadas de duas odes as duas traves de uma força! Os *Châtiments* são isto: Carvão apunhalando Cesar, Hugo revelou-se. A intensidade do seu odio mostrou nos a intensidade do seu amor. A colera muitas vezes não é mais do que a bondade voltada do avesso. Eu, pela minha parte, não sei mesmo o que é mais admiravel na vida de Jesus Cristo — se é a cruz, se é o látigo, se é o martir de Caifaz ou o varredor de fariseus! E a justiça da providencia confirmou, volvido deztoite annos, a justiça do genio. Depois de ler os *Castigos* de Deus escreveu Séjan. Napoleão I fôra como um sol que em pleno meio dia, a um sopro do destino, tombou instantaneamente, partido em pedaços no oceano da Historia. Napoleão, o ultimo, não sucumbiu dessa maneira. Os leões afogamos nos enxurros. E, coincidência curiosa quanto do Troppman de 2 de Dezembro restava unicamente Judas de Séjan, quando do despota ficara apenas o miavel, o Destino vingativo assassinou o homem pelo mesmo processo com que Vitor Hugo tinha assassinado o imperador — á pedrada. E' que o destino tem ás vezes, como Gavroche, destas garotices sublimes.

Contudo, entendamo-nos. Não façamos a Hugo uma deificação imbecil e prudhomesca. Ele é para mim o melhor de todos os poetas. O maior de todos os homens, já mais. Como artista é assombroso, e diante dele ponho-me de joelhos. Como homem é belo e venerando, tiro-lhe respeitosamente o meu chapéu, mas, com franqueza — fico de pé. Um espirito tem três maneiras de ser immortal, três formas de ser divino. Pela arte, quando se é Hugo, Beethoven, Miguel Angelo. Pela verdade, quando se é Newton, Voltaire, Cuvier, Laplace. Pela bondade, quando se é Jesus, Burbés, Joana d'Arc, S. Francisco de Paula. Querer ingenuamente, exclusivamente, em Vitor Hugo todos esses três aspectos deslumbrantes da alma humana, isso então já se não chama justiça, já não é mesmo adoração, é idolatria. Hugo, para mim, não é o grandissimo heroi, é o grandissimo poeta heroico. Não é Promettheu, é Eschylo. Guesmesey foi o Caucazo? Não. Foi o Siraý.

Quando leio a ultima parte da obra de Vitor Hugo, quando leio, sobre tudo, os *Châtiments* — a Biblia do Odio — eu chego a agradecer do fundo da minha alma á providencia o ter criado, depois de Napoleão I, Napoleão III, isto é Napoleão no estado terciario. Porquê? Porque, se Bonaparte, esse reptil, não tivesse mordido Vitor Hugo, esse leão, o poeta incomparavel, em vez de ser amortalhado com todas as benções da humanidade e com todas as rosas da natureza, iria oficialmente para o seu sepulcro dentro da camisola de fôrças de membro do instituto, levando para o agasalhar, como sobretudo, os arminhos confortáveis de um senador de Luis Filipe. Vitor Hugo foi projectado para o exilio por um insulto, isto é, foi impellido para a justiça por um coice. O exilio para elle, não foi a encarceramento, foi a liberdade. Não o encarceraram, soltaram-no. E, grandioso espectáculo? viu-se então um

homem de genio, com três cadernos de papel, uma garrafa de tinta e uma alma sublime, fazer de um Cesar um Lacenaire, de Lacenaire um Falstaff, e de Falstaff um hibrido produto clandestino da rainha Hortencia, um triste irmão inconfessavel do duque de Morry. Os *Châtiments* são o maior grito de revolta que tem expluido até hoje do coração de um homem. Quando o segundo imperio se escancarou em bordel, Hugo rebentou em cratera. Que devassidão e que erupção! O bordel saiu uma torrente de pústulas e da cratera uma torrente de lava. Hugo, proscrito, sósiho, indefeso, vencido e invencivel, agarrou num imperador, e no se agarrou não hydrofobo, e, diante do espanto de uma matilha de lacaios e de uma horda de janizaros, atirou com esse imperador ao sorveloiro da ignominia — pelo buraco de uma floca!

O segundo imperio, essa Gomorra foi carbonizada pelos *Châtiments*, essa labareja. Sobre a cama de crimes tombou do alto uma cama de escarros. Oh! *Châtiments*, evangelho das vilmas, tu és para mim mais belo que todos os canticos do amor! És como um tigre, que fôsse gerado por uma pomba, como uma fera, que tivesse nascido de uma vestal. Ao pé dessa epopeia fulminante da colera em braza, Isaias é florinesco e Ezequiel um verdadeiro favo de abelhas. Cada sílaba é um chicote. Cada verso é um raio. Poder do génio! Fazer de uma palavra uma sentença e fazer de duas odes as duas traves de uma força! Os *Châtiments* são isto: Carvão apunhalando Cesar, Hugo revelou-se. A intensidade do seu odio mostrou nos a intensidade do seu amor. A colera muitas vezes não é mais do que a bondade voltada do avesso. Eu, pela minha parte, não sei mesmo o que é mais admiravel na vida de Jesus Cristo — se é a cruz, se é o látigo, se é o martir de Caifaz ou o varredor de fariseus! E a justiça da providencia confirmou, volvido deztoite annos, a justiça do genio. Depois de ler os *Castigos* de Deus escreveu Séjan. Napoleão I fôra como um sol que em pleno meio dia, a um sopro do destino, tombou instantaneamente, partido em pedaços no oceano da Historia. Napoleão, o ultimo, não sucumbiu dessa maneira. Os leões afogamos nos enxurros. E, coincidência curiosa quanto do Troppman de 2 de Dezembro restava unicamente Judas de Séjan, quando do despota ficara apenas o miavel, o Destino vingativo assassinou o homem pelo mesmo processo com que Vitor Hugo tinha assassinado o imperador — á pedrada. E' que o destino tem ás vezes, como Gavroche, destas garotices sublimes.

E será tudo igualmente perfeito, igualmente belo na obra literaria de Vitor Hugo, nessa monstruosa cordilheira de epopeias. De certo que não. A sua obra tem todas as grandezas e todos os defeitos do seu tempo. O seculo XIX é sobretudo um seculo de critica e de analyse. Tudo se investiga, tudo se observa, tudo se mede, tudo se calcula, tudo se explica. Hoje um sabio decompõe um Deus, dentro de uma retorta, em todas as suas origens, tal qual como uma amostra de minerio, em todos os seus elementos. Raças ignoradas, cidades extintas, povos desconhecidos, que dormiam ha milhares ou milhões de annos debaixo de um sutario impenetravel de cinza ou de granito, são um belo dia desenterrados e reconstituídos, peça a peça, matematicamente, como um boneco, que se partira. Se falta alguma, faz-se de novo e tão perfeita que se não distingue. O nosso seculo fez o inventario da civilização. Deus se um grande balança á Humanidade e a Natureza. Nestas condições o que o artista ganhou em opulencia de fantasia, em abundancia de imagens e em riqueza de ideias, perdeu-o em sentimento espontaneo, em virgindade nativa e simples de inspiração e de execução. Os cerebros como as casas, atulham-se de bric-à-brac. E' estranho, é pitoresco, é exótico, é resplandecente, mas no fim de contas é mais ou menos bisantino. A simplicidade genial dá o Parthenon. A imaginação lúscida e erudita dá a Grande Opera, de Paris. E' por isso que uma parte da obra de Vitor Hugo, apesar da monumen-

tal, é boial. Quando Hugo canta sinceramente, unicamente para si, para expandir todos os impetus da sua alma maravilhosa, então Hugo é divino, Hugo é incomparavel. Ouve-se a chorar, de mãos postas! Mas quando Hugo está como um tenor profetico no alto de um Himalaia de pesadelo, cantando, a pedido da plateia e só para a plateia, uns apocalipso trovejantes, então, confesso-o. Hugo é ainda portentoso, abala-me, mas não me comovo. As manchas da sua obra, como as do sol — são enormes. E quando em inspiração é inferior, quando cai, essa queda é ainda como a do Niagara. O solo estremece. O genio de Vitor Hugo afigura-se-me uma imensa cratera, que esteve durante um seculo numa erupção continua, a arrojar vitoriosamente para o firmamento um braceiro de estrelas e um oceano de lava. A lava caiu, esfriou-se, desagregou-se em cinzas mas as estrelas essas lá ficaram e ficarão eternamente cravadas no azul celeste, alumiantes com a sua imutavel claridade sideral este pavoroso e tenebroso abismo do coração humano.

Ah, meus queridos amigos hugofobos, Vitor Hugo, quer o queirais, quer não, é um diamante de tal forma extraordinario, que embora, depois de lapidado durante mil annos pela poeira da critica, ele venha a perder metade do seu peso, ainda assim ficará senão o maior de todos os diamantes que a terra até hoje tem cristalizado nas suas entranhas. Vitor Hugo, meu santo e divino Mestre, podes dormir serenamente na tua campa, porque aproveitaste o teu dia! Ninguém como tu, numa planície tão vasta rasgou um sulco tão profundo. E' que a charrua era de bronze, guiada por Hercules, e tirada, triunfantemente, a cem parrelhas de leões!

Ah, eu sei perfeitamente, meu enorme poeta Todo-Poderoso, que, perante os dois infinitos do Tempo e do Espaço, toda a obra do homem, por maior que seja, é cinza vã, orgulho estéril, argueiro invisivel. Se as grandes obras do Criador — os mundos — se extinguem anonimamente e se sepultam sem epitáfio na vala comum ilimitada do firmamento, o que acontecerá, então, ás obras dos homens — produtos microscopicos de uma vislumbre de luz, num instante de vida. Em todo o caso a tua gloria ha de durar enquanto á superficie do globo luzir tremulamente o fogo fatuo de uma alma.

O tempo é o Oceano. As ondas são os seculos. Ondas sem numero, num Oceano sem raias! Pois bem; a tua memoria alcantilada assemelha-se a um enorme Gilliat, que o Oceano do tempo ha de ir submergindo irremediavelmente, continuamente, pouco a pouco, com os seus negros vagalhões silenciosos. Mas o que eu te posso afirmar, gigante, é que quando a agua te der pelos joelhos, já todos os poetas do teu tempo estarão ha muito, de ventre inchado, no fundo do mar. E por mais que a maré cresça, por mais que as ondas desabem roucas e litánicas, eu estou convencido que a tua cabeça cômica ha de ficar eternamente de fóra — olhando as estrelas. E é por isso que eu acho perfeitamente digno que o teu cadaver entre para a eternidade por um arco triumphal e que seja necessario desalojar um Deus para o alojar a ele.

LER NA 2. PAGINA
A' JANELA DE "O MUNDO"

DAQUI PARA



Se vocelencia se tem barb... com a cara retalhada...